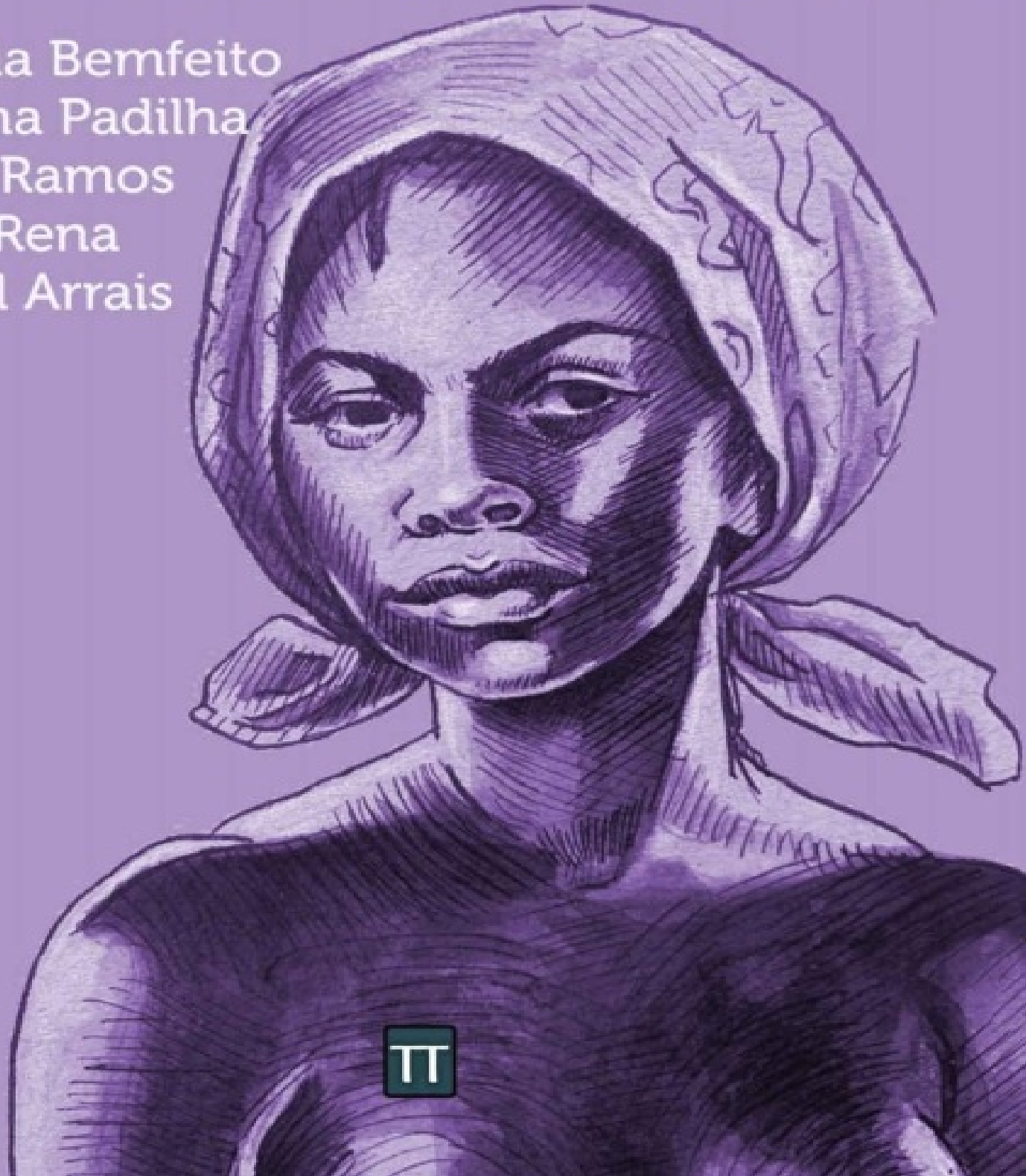


MULHERES QUE INSPIRAM

Natalia Bemfeito
Taoana Padilha
Aline Ramos
Júlia Rena
Rafael Arrais



MULHERES QUE INSPIRAM

Natalia Bemfeito

Taoana Padilha

Aline Ramos

Júlia Rena

Rafael Arrais

Sumário

[Prefácio](#)

[Safonize-se](#)

[Hipátia de Alexandria](#)

[Rabia Basri](#)

[Dandara dos Palmares](#)

[Sabina Spielrein](#)

[Mãe Menininha do Gantuá](#)

[Nise da Silveira](#)

[Rose Marie Muraro](#)

[Elas e eu](#)

Todo conteúdo é de autoria de Natalia Bemfeito, Taoana Padilha, Aline Ramos, Júlia Rena e Rafael Arrais (exceto as citações de outros autores). Cada texto original presente nesta obra é de autoria e responsabilidade de seu próprio autor.

Texto revisado segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Organização: Igor Teo e Rafael Arrais

Prefácio: Igor Teo

Revisão: Pedro Belchior

Ilustrações: Yara Morais

Esta é uma edição de Textos para Reflexão

Para conhecer outras obras, visite o blog: textosparareflexao.blogspot.com

Design e diagramação: Ayon

Ilustração da capa por Yara Morais (representando Dandara dos Palmares)

Copyright © 2021 por Rafael Arrais (eBook para eReaders v1.1)

Todos os direitos reservados

Prefácio

A história foi injusta com as mulheres. Dentro da cultura patriarcal, quantas delas tiveram suas trajetórias ocultadas pela narrativa dominante? Filósofas, poetisas, cientistas, guerreiras, monjas, revolucionárias, artistas... enfim, mulheres. Esta obra pode ser vista como uma tentativa de recuperar essas histórias.

Vocês lerão sobre algumas mulheres do Brasil e do mundo tendo suas vidas contadas por outras mulheres-autoras (com a exceção de um único autor honradamente convidado por nossas autoras para também contribuir com este livro).

Agradeço imensamente o convite das autoras para introduzir esta obra aos leitores e leitoras que desejam conhecer mais sobre as mulheres que nos inspiram. Também devemos agradecer a Aline Picardi, que idealizou este projeto e, embora não esteja entre as autoras, foi uma das principais motivadoras desta realização. Também agradecemos a revisão amiga e atenciosa de Pedro Belchior.

As autoras são escritoras talentosas. Como realizadoras deste projeto, cada uma se expressou livremente para fazer desta obra uma verdadeira arte. Cada capítulo tem o estilo de quem o escreveu. Cada texto é também sobre uma mulher que inspira as nossas autoras. Autoras e personagens se misturam, assim, criando um texto único, escrito entre quem nos conta e quem tem sua história contada.

Sabemos que Freud, o criador da psicanálise, se perguntou em determinado momento de sua obra: *afinal, o que querem as mulheres?* Este é o mito da feminilidade como um lugar de mistério, desconhecimento e ocultismo. Muitas coisas já foram ditas sobre as mulheres. Muitas coisas que não são certas. Portanto, antes de dizer qualquer coisa, deixemos de falar por elas, e simplesmente escutemos o que elas têm a nos dizer.

Igor Teo, escritor e psicanalista
Dezembro de 2020

Safonize-se

por Taoana Padilha

Você já ouviu falar de Safo? É bem possível que não. Eu mesma só a conheci há alguns anos, quando comecei a me aprofundar no estudo sobre a história das mulheres.

Safo foi uma brilhante poetisa da Grécia antiga que escrevia versos para serem cantados ao som da lira. Nascida na Ilha de Lesbos, ela criou uma escola de artes, filosofia e política para mulheres. Em uma época sombria para metade da humanidade, onde apenas os homens tinham acesso à dignidade e ao direito de exercer atividades públicas, Safo deu luz à coletividade e à criatividade femininas. Safo inventava palavras e realidades. Safo safonizava.

Infelizmente, os seus escritos foram quase todos destruídos. Na verdade, sobraram apenas alguns restos. Autores importantes a citam como uma verdadeira musa, outros citam partes de seus dizeres em suas obras, mas a obra de Safo, em si, não foi transmitida ao longo da história. Safo abordava, com beleza, os temas mais variados, mas tinha apreço especial em versar sobre a sexualidade feminina e sobre o amor. Não por coincidência, as partes em que ela escrevia sobre o prazer sexual feminino foram as mais aviltadas. Em Safo, a vida erótica misturava-se à vida sagrada e a sexualidade ganhava tons divinos.

Na misógina Grécia antiga, berço da civilização ocidental, uma mulher que criou um espaço fértil para que outras mulheres pudessem representar, cantar, dançar, filosofar, amar e gozar, causou uma revolução que nos transborda até hoje.

Milhares de anos depois, continuamos presenciando o machismo, o sexismo, a misoginia, tão sordidamente encenados e reproduzidos.

Os tempos mudaram, as práticas também. Hoje, mulheres votam, trabalham e governam. Mas os discursos clássicos continuam embalando os nossos sons mais profundos. As formas como construímos os nossos pensamentos continuam tendo como referência a lógica fálica: excludente, machista e racista. Os filósofos mais ensinados nas escolas e nas universidades ainda são aqueles que justificam a inferioridade das mulheres. Até o discurso psicanalítico, em pleno

século XXI, sustenta que o único sexo representável é o masculino. A que ponto chegamos?

Que a vida floresça apesar das trevas e nos presenteie com mais Safos, hoje e sempre. Que sua lira continue nos inspirando a questionar e a criar, e que suas obras sejam por nós protegidas da violência patriarcal. Que as suas criações sejam transmitidas, contadas, encenadas e cantadas nos mais diversos lugares do mundo.

A seguir, o único texto de Safo que sobreviveu integralmente, retirado do livro *Safo: fragmentos completos*, da editora 34:

*Multifloreamente Afrodite eterna
Zeus te fez ó roca-de-ardis e peço
Deusa não permita que a dor e dolo
Domem meu peito*

*Venha aqui se um dia ouvir meu pranto
Longe sem demora você me veio
Logo que deixava teu lar paterno
Plenidourado*

*Sobre o carro atado e velozes aves
Te levaram várias à negra terra
Numa nuvem de asas
Turbilhonantes
Na atmosfera*

*Junto a mim no instante você sorrindo
Deusa aventurada de face eterna
Perguntou-me por que de novo sofro
Chamo de novo*

*Por que ainda deixo
Nascerem chagas sobre o peito quem eu de novo devo
Seduzir e dar aos amores?
Quem é Safo te assola?*

Pois se agora foge virá em breve

*Se presentes nega dará em breve
Se desama agora amará na hora
Mesmo que negue*

*Venha agora aqui me livrar
Das longas aflições conceda
Os afãs que anseio neste
Peito e seja aliada nesta
Linha de luta.*

Hipátia de Alexandria

por Rafael Arrais

À Filósofa,

Eu lhe saúdo, e lhe peço que saúde seus fortunados amigos por mim, majestosa Mestra. Há tempos venho lhe reclamando por não ser digno de uma resposta, mas hoje sei que não sou vítima do seu desprezo por nenhum erro de minha parte, mas porque sou desafortunado em muitas coisas, em tantas quanto um homem pode ser.

Se apenas eu pudesse receber novamente suas cartas e saber como todos estão passando – tenho certeza de que estão felizes e desfrutando de boa fortuna – eu ficaria aliviado, neste caso, da metade dos meus próprios problemas, ao me alegrar pela sua felicidade. Mas hoje o seu silêncio é mais uma adição às minhas tristezas.

Eu perdi meus filhos, meus amigos, e a boa vontade de todos. A maior de todas as perdas, no entanto, é a ausência do seu espírito divino. Eu tive esperança de que isto sempre permanecesse em mim: a capacidade de vencer tanto os caprichos da fortuna quanto as voltas sombrias do destino.

A carta acima foi escrita por Sinésio de Cirene no ano 413 d.C. Provavelmente seria tratada como um relato de pouca importância histórica, fruto do fim de vida amargo de um filósofo do século V, não fosse pela sua célebre destinatária, cuja ausência o escritor lamenta profundamente: a “filósofa” em questão era exaltada como um “espírito divino” não somente por Sinésio, como por praticamente todos os seus discípulos. Ela era Hipátia de Alexandria, a mulher mais sábia de seu século, cuja luz e a lenda ainda irradiam até a era moderna.

Eis como Sócrates Escolástico, um historiador de sua época, a descreveu em sua obra *Historia ecclesiastica*:

Havia uma mulher em Alexandria chamada Hipátia, filha do filósofo Théon, que galgou tantas realizações na literatura e na ciência, que ultrapassou em muito os filósofos de seu tempo. Tendo sido versada nos ensinamentos de Platão e Plotino, ela explicava os princípios da filosofia para os seus ouvintes, muitos

dos quais viajavam enormes distâncias para serem instruídos por ela. Por conta de seu autocontrole e serenidade, frutos do cultivo de sua mente, ela aparecia muitas vezes em público na presença dos magistrados da cidade, e não se sentia envergonhada em participar das assembleias dos homens. Pois todos os homens que tinham notícia de sua extraordinária dignidade e virtude eram seus admiradores.

Apesar de haver sido uma das mentes mais brilhantes de seu tempo, Hipátia é mais conhecida pela maneira brutal com que foi assassinada; assim como pela forma com que as lendas em torno do ocorrido alimentaram a curiosidade tanto de pagãos quanto de cristãos, tanto de adeptos da ciência e da racionalidade quanto de homens e mulheres de fé. Antes de sabermos como ela morreu, no entanto, talvez seja mais proveitoso saber como viveu.

Hipátia residiu a vida toda em Alexandria, tendo sido descendente de uma família de relativa nobreza e destaque na sociedade da época. Seu pai, Théon, era um cientista muito conhecido, membro do Museu (ou Templo das Musas, onde também residia a célebre Biblioteca da Alexandria^[1]), escritor e filósofo com especial interesse no hermetismo. Apesar do que dizem as lendas, era o pai de Hipátia o amante do paganismo (ao menos publicamente), e não ela, que ficou conhecida em seu tempo bem mais pela vasta erudição em ciências matemáticas e astronômicas, assim como em filosofia, do que por algum conhecimento particular dos rituais pagãos.

A sua vida privada, no entanto, era bem mais envolta em mistérios... Apesar de não nos restar nenhuma obra escrita de Hipátia que não seja relacionada à ciência^[2], felizmente algumas cartas de Sinésio sobreviveram aos séculos, e nos confirmam em parte o que muitos estudiosos da sua vida intuíram.

Hipátia formou um círculo intelectual composto por discípulos que eram como que “alunos particulares”, alguns deles por muitos anos, outros ainda (como o próprio Sinésio) que a trataram como mestra até o fim da vida. Tais alunos vinham da própria Alexandria, de outras regiões do Egito, da Síria, de Cirene e Constantinopla. Pertenciam a famílias ricas e influentes; com o tempo, vieram a ocupar posições de comando na hierarquia do Estado ou na ordem eclesiástica do cristianismo nascente.

Em torno de sua mestra, esses discípulos formavam uma comunidade cujos fundamentos eram o sistema de pensamento platônico e os laços profundos de amizade. Aos conhecimentos transmitidos pelo “espírito divino” de Hipátia, davam o nome de “mistérios”. Tais conhecimentos, estes sim, eram mantidos

inteiramente secretos, e jamais transmitidos a qualquer um que não fosse iniciado nos assuntos divinos e cósmicos.

Ainda que pouco saibamos atualmente sobre o que Hipátia e o seu círculo de discípulos estudavam em segredo, é certo que, entre os seus textos sagrados, contavam-se os *Oráculos Caldaicos*. Esses textos do hermetismo eram caros tanto ao pai de Hipátia, que os lecionou à própria filha em casa, quanto a Sinésio, que em suas obras demonstra estar plenamente familiarizado com a sua temática.

Seja como for, fato é que, se Hipátia foi uma pagã no âmbito privado, jamais demonstrou, na esfera pública, algum interesse particular por frequentar templos dos deuses gregos ou participar de seus rituais. Ao que tudo indica, Hipátia foi muito mais uma mística do que uma adepta do ritualismo religioso.

Suas lições públicas incluíam, além da filosofia platônica, preciosas instruções da matemática e astronomia. As suas conferências tinham lugar tanto em sua própria casa, quando aberta ao público, como nas salas de leitura alexandrinas. Em ambos os casos, não era incomum ser acompanhada por multidões de admiradores e curiosos.

Ocasionalmente também era chamada a intervir nos assuntos da *polis*, atuando como conselheira dos assuntos municipais. A filha de Théon detinha uma grande autoridade moral, e todos os historiadores da época concordam em descrevê-la como um modelo de coragem ética, retidão, sinceridade, dedicação cívica e elevação intelectual.

Apesar de provavelmente ter sido belíssima em sua juventude, também sempre foi uma reconhecida adepta da *sophrosyne*, uma espécie de “estado de espírito” que, de acordo com o conceito grego antigo, incluía o bom senso e a moderação, a sanidade moral, o autocontrole e o autoconhecimento. Isso também se refletiu em sua vida sexual: Hipátia se conservou virgem por toda a vida, e não há sequer um relato consistente de quaisquer casos amorosos que tenha tido, seja com homens ou com mulheres. Aos que a questionavam sobre “quando afinal iria se casar”, ela respondia que “já era casada com a Verdade”^[3].

E há quem tenha dito que o brutal assassinato de Hipátia tenha marcado o fim do helenismo e o início da hegemonia cristã. Tais lendas quase sempre mostram uma Hipátia jovem e bela sendo morta por uma multidão de fanáticos... Como ocorre muitas vezes em lendas históricas, o relato em si passa consideravelmente distante da verdade: Hipátia não poderia haver sido uma mestra tão jovem, a lecionar para homens bem mais velhos e discursar para multidões.

Já sobre a questão entre o helenismo e o cristianismo, como já dissemos, Hipátia tampouco tinha qualquer predileção por um ou por outro – a ela interessava somente a Verdade. Tanto que um dos seus discípulos mais fiéis, e também um dos homens que mais a amou, um dia tornou-se bispo, e o seu nome era Sinésio de Cirene, o Bispo Filósofo.

A Herculiano,

[...] Nós vimos com nossos próprios olhos e ouvimos com nossos próprios ouvidos a Senhora [Hipátia] que presidia, com legitimidade, sobre os mistérios da filosofia. E se acaso aqueles que compartilham tal laço de união são chamados a se relacionar, daí uma lei divina nos incita, a nós que estamos unidos pela mente, a nossa melhor parte, a honrar as qualidades uns dos outros.

[...] Viver de acordo com a razão é o alvo de todos os homens. Busquemos, portanto, tal alvo em vida; supliquemos que Deus transforme nossos pensamentos em coisas divinas, e nos dediquemos, tanto quanto for possível, a colher a sabedoria de todos os lados.

Esta outra carta de Sinésio, da qual trago somente alguns trechos, foi endereçada a Herculiano em 395 d.C. Nesta época ambos eram alunos de Hipátia em Alexandria, porém Herculiano (de quem sabemos muito pouco além do nome e do fato de provavelmente se tratar de um membro de alguma família rica da região) foi obrigado a retornar à sua terra natal. Logo Sinésio seguiria o mesmo caminho, e após alguns anos inesquecíveis aprendendo com sua mestra, também retornaria para onde nasceu, Cirene.

Ele ainda teria viajado algumas vezes para visitar Hipátia nos anos seguintes; porém, as visitas vinham se tornando cada vez mais raras e complicadas, primeiro porque Sinésio já havia se casado e tido seu primeiro filho, e segundo porque sua capacidade intelectual o levou, ainda que provavelmente a contragosto, a atuar na esfera política.

Em 399, Sinésio chefiou uma comitiva até Constantinopla, para negociar uma redução de impostos para sua cidade junto ao imperador Arcádio. Foi obrigado a residir por cerca de três anos na cidade, mas finalmente retornou com a missão cumprida. Talvez tenha conseguido visitar prolongadamente Alexandria durante os anos seguintes, mas logo foi obrigado a retornar a Cirene novamente, desta vez para uma tarefa ingrata: comandar a defesa de suas fronteiras contra

invasores vindos do deserto.

Novamente foi vitorioso, tendo inclusive elaborado um novo modelo de catapulta para as defesas da cidade. Desta feita, seus concidadãos ficaram tão entusiasmados com seus serviços prestados que decidiram lhe conceder um presente que ele, na verdade, aceitou com muita relutância: o cargo de bispo em Cirene.

Naquele século ainda não fazia muito tempo que o cristianismo tinha sido conclamado a “religião oficial” do Império Romano. Nessa aurora da igreja cristã, os cargos de liderança eclesiástica muitas vezes tinham mais a ver com os afazeres governamentais e políticos do que propriamente com a condução das práticas religiosas.

Noutra de suas cartas que sobreviveram aos séculos, Sinésio conversa com outro companheiro das aulas de Hipátia, Olímpio, sobre a necessidade de evitar a luta por cargos, honras e carreiras políticas que satisfaçam somente ambições superficiais, e não valores humanos autênticos. Nessa correspondência, Sinésio parece consciente de que não conseguirá mais se afastar das suas obrigações na vida pública, e fala acerca do prazer de ainda poder desfrutar de alguns períodos de tranquilidade nas paisagens rurais em torno de Cirene, inteiramente dedicados à reflexão: “Temos tempo para a filosofia, mas não para fazer o mal”.

Mas ah!, quem dera todos os bispos da Igreja fossem homens como Sinésio. Fosse assim, não somente sua mestra poderia haver escapado de seu triste destino, como todo o mundo ocidental seria outro, melhor, mais justo e mais iluminado pelo sol... A história, infelizmente, não transcorreu dessa forma.

Os eventos que terminaram no brutal assassinato de Hipátia tiveram muito mais a ver com uma disputa política pelo poder em Alexandria do que propriamente com uma disputa religiosa, tanto mais com uma disputa entre o cristianismo e o helenismo. Não, a disputa mais incendiária, desde aquele tempo, já era entre cristãos e judeus:

Os dois atores principais que ansiavam estabelecer um poder hegemônico sobre o governo de Alexandria eram Orestes, o prefeito augustal e governador secular da cidade, e Cirilo, o Patriarca (espécie de arcebispo) alexandrino. Ora, muito embora um representasse diretamente a igreja cristã e o outro exercesse um cargo público, fato é que ambos eram batizados e professavam publicamente o cristianismo. Onde estava, portanto, a disputa entre cristãos, judeus e pagãos?

Ocorre que, no início daquele século, Alexandria era uma das maiores cidades do mundo, e uma potência comercial onde residiam muitas comunidades de

relativa riqueza. Dentre elas, a mais rica era certamente o grupo pagão, cuja ancestralidade helênica havia garantido nobres heranças. Logo após, tínhamos a comunidade judaica e, enfim, a comunidade cristã, que exatamente por ser a mais pobre (em média), era também a mais numerosa.

Orestes, como governador astuto, tentava sustentar suas chances de ascensão à hegemonia praticando relações amistosas com todos os três grupos. Cirilo, por outro lado, sabia que a sua única chance de agarrar o poder total sobre a cidade seria com a vitória do cristianismo sobre as demais crenças, assim eliminando de vez quaisquer chances que Orestes poderia ter de vencer aquele embate político. Vejam bem: “embate político” – pois naquele contexto a religião era usada como mera desculpa para manobrar o povo em direção a este ou àquele projeto de poder (como vemos, até hoje não mudou tanta coisa, não é mesmo?).

Pelos seus desentendimentos constantes com a comunidade judaica alexandrina, é presumível que Cirilo tivesse um ódio pessoal para com os judeus em geral. Após várias trocas de ameaças que evoluíram com os anos, os judeus organizaram um ataque que terminou por matar muitos monges armados (chamados *parabolani*, que eram uma espécie de “guarda armada do Patriarca”), assim como diversos cristãos desarmados, num incêndio criminoso numa igreja.

Cirilo respondeu duramente ao ataque, destruindo sinagogas, saqueando as casas dos judeus mais abastados e, enfim, expulsando toda a comunidade judaica da cidade. Este foi um resultado catastrófico para as pretensões de Orestes, pois ao mesmo tempo perdera o apoio tanto de toda a comunidade judaica (que fora banida) como de muitos cristãos, que não perdoaram o ataque dos judeus e passaram a apoiar Cirilo.

Ao governador restava somente o apoio dos helênicos; e dentre eles, todos sabiam, a maior autoridade moral se centrava em Hipátia, que além de tudo era amiga pessoal de Orestes e muitas vezes lhe aconselhava diretamente... Ora, a luz de Hipátia era ofuscante demais para que Cirilo arriscasse um debate direto. Era preciso se livrar da filósofa com uma artimanha mais suja e sorrateira, uma arma usada somente pelos homens mais mesquinhos e ignorantes, mas mesmo assim extremamente eficaz: *a boataria*.

Numa comunidade composta majoritariamente de iletrados e propensos às mais diversas crenças mágicas, não foi muito difícil “convencer” as pessoas de que aquela mulher pagã, de família nobre e antiga, que se atrevia não somente a ensinar aos homens assuntos “não religiosos”, como também a aconselhar diretamente o governador, decerto seria uma diabólica praticante de magia negra,

uma bruxa que seduzia a todos que escutavam suas palavras!

Assim chegamos aos tenebrosos eventos do dia 8 de março de 415 d.C., que prefiro não descrever, então os deixo com as palavras de Sócrates Escolástico:

Foi então que a inveja se irrompeu contra esta mulher. Sucedia que ela passava muito tempo com Orestes, o que deu procedência às calúnias que a condenavam entre o povo ligado à Igreja, como se ela fosse a culpada de Orestes haver se distanciado do Patriarca. Com efeito, alguns homens que lhe faziam iradamente a mesma acusação a seguiram quando voltava para casa. Então, a arrancaram de sua carruagem e a arrastaram para o interior da igreja chamada Cesarion. Rasgaram suas roupas e depois a mataram usando cacos de cerâmica [ostraka]. Quando terminaram seu esquartejamento, tendo dilacerado cada um de seus membros, levaram o corpo para um lugar chamado Cinaron e lá o queimaram.

Assim deixou este mundo a maior das filósofas, cuja vida foi ainda mais grandiosa por haver sido a vida de uma mulher em meio a um mundo de homens, um brutal mundo de homens...

Se nos serve de algum consolo, tal notícia nunca chegou aos ouvidos de Sinésio, que havia morrido pelo menos um ano antes, em meio à amargura de não receber mais nenhuma correspondência de sua mestra.

Não nos cabe dizer o motivo exato pelo qual Hipátia deixou de responder ao seu querido e fiel aluno. Na sua condição de bispo, o envolvimento de Sinésio na disputa em Alexandria provavelmente não a teria auxiliado em muita coisa, embora certamente colocasse o seu cargo e a sua própria vida em risco. A filósofa, em sua sabedoria, provavelmente estaria a par do fato, e preferiu deixar que Sinésio pensasse que ela o havia esquecido.

Mas se há uma coisa essencial nesta triste e grandiosa história, é que ela não pode e não deve, jamais, ser esquecida...

Bibliografia

Hipátia de Alexandria, Maria Dzielska (Relógio D'Água); Wikipedia; Livius.org

Rabia Basri

por Rafael Arrais

Conta a lenda que no século VIII, num pequeno vilarejo próximo à atual Basra, cidade no extremo sul do Iraque, uma mulher foi vista circulando pela viela principal com um lampião numa mão e um vaso d'água na outra. Veio então um mercador e lhe perguntou o que diabos ela estava fazendo, uma vez que a mulher parecia enxergar algum outro mundo que os demais não podiam ver. Ela respondeu:

“Eu quero apagar as chamas do Inferno e botar fogo no Paraíso.”

O mercador, que felizmente não era lá tão religioso ao ponto de ficar transtornado com aquela resposta, ainda assim procurou saber o motivo dela, ao que a mulher à sua frente complementou:

“O Paraíso e o Inferno estão bloqueando meu caminho até Allah. Se eu devo adorá-Lo por temor do Inferno, que eu queime no Inferno. Se eu devo adorá-Lo pelas recompensas prometidas no Paraíso, que eu seja expulsa dele para sempre. Mas, se já não existirem nem Inferno nem Paraíso, então que eu possa adorá-Lo por quem Ele é, e que Ele não esconda mais de mim a sua face, e que já não haja nada mais além de *Ishq-e Haqeeqi* [amor verdadeiro].”

Ishq-e Haqeeqi, o amor real e verdadeiro, o amor de Allah, onde todos os místicos buscaram mergulhar, é uma palavra árabe que define os primórdios do sufismo, o misticismo do Islã. A tal mulher da história é Rabia Basri, santa sufi que influenciou diretamente diversos místicos e poetas posteriores, desde Farid ud-Din Attar a Jalal ud-Din Rumi.

Muito pouco se sabe sobre ela, e muitos dos poemas a ela atribuídos podem muito bem ser da autoria de terceiros. Neste caso, as lendas em torno da sua existência – isto é, a sua mitologia – provavelmente contam mais do que a sua vida real. Mesmo o seu nome, Rabia Basri, significa algo trivial: algo como “a quarta (*rabi'a*) filha da família, residente de Basra”. No entanto, considerar que uma mulher pobre, camponesa, iletrada, que jamais deixou algo escrito, e que viveu nos primórdios do Islã, ainda assim possa ter influenciado de tal forma o

sufismo, sendo reconhecida como santa ainda em vida, diz o tanto que Rabia foi especial.

Segundo o mito, sua família não teve condições de sobreviver intacta durante um longo período de secas e fome, de modo que Rabia eventualmente foi vendida como escrava. Então, ela fazia a faxina e ajudava a cuidar da casa do seu mestre, e todas as noites, sem exceção, rezava em meditação profunda. Desde cedo, ela buscava estar no amor de Allah (no “campo além das ideias de certo e errado”, como definiu Rumi, o célebre poeta sufi, séculos depois). Uma bela noite, seu mestre se dirigiu até seu quarto para espia-la – quem sabe, pelo fato dela já estar mais crescidinha –; e percebeu, estupefato, que uma luz irradiava dela enquanto rezava a Allah. Na manhã seguinte, decidiu declará-la livre, possivelmente por temer alguma punição divina por manter uma santa em cativeiro.

Assim Rabia se tornou uma mística e asceta em pleno Islã do século VIII. Não há muitas informações confiáveis acerca de como se manteve solitária e supostamente virgem num brutal mundo de homens. Mas há outra história, um pouco mais confiável por ter sido contada por um sábio reconhecido de sua época, que pode jogar alguma luz sobre o tema.

Antes de chegarmos a ela, é preciso considerar um problema de datas. Hasan al-Basri foi um teólogo sufi que viveu boa parte da vida naquela mesma região. No entanto, ele nasceu em 642 e morreu no ano 728, ao passo que Rabia supostamente nasceu entre os anos 714 e 718 e morreu no ano 801. Quando Hasan encontrou-se com Rabia, certamente era um ancião no fim da vida; Rabia, porém, muito provavelmente já não era mais uma pré-adolescente. Assim, talvez ela tenha nascido pelo menos uma década antes das datas consideradas mais aceitas. Bem, pelo menos se considerarmos a história de Hasan verdadeira... Vamos a ela:

“Eu passei a noite inteira e a manhã seguinte com ela. Em nenhum momento passou pela minha mente que ali, em sua presença, eu era um homem, tampouco que ela era uma mulher. Quando a vi a primeira vez, eu percebi que meu espírito estava falido, que eu era como um mendigo; enquanto ela, ela era a pessoa mais rica que eu já havia encontrado.”

O relato de Hasan se refere a uma noite em que se dirigiu à tenda de Rabia em busca de um genuíno diálogo entre místicos. É preciso ressaltar que um teólogo sufi como Hasan não fazia votos de celibato. Isso quer dizer, obviamente, que ele não tinha nenhuma obrigação de negar seus instintos sexuais. No entanto,

quando passou uma noite só numa tenda com uma mulher muito mais jovem do que ele, “em nenhum momento passou por sua mente que ele era um homem e ela era uma mulher”. Talvez isso explique como Rabia passou a vida inteira solitária: nenhum pretendente, ante sua presença, parece ter conseguido levar adiante alguma proposta de casamento – ela já estava “casada” com Allah, era algo até mesmo óbvio.

Assim, Rabia passou toda a vida voltada para o convívio íntimo com Allah, em todos os momentos. Ao ponto de, ao morrer, perto dos oitenta e poucos anos de idade, ter em suas posses tão somente um tapete de junco, um manto, um jarro de cerâmica e um colchão, que também lhe servia para rezar e meditar. Afinal, para ela, tudo parecia *se dissolver* em Allah; ela nunca precisou de nada além Dele:

*Em minha alma
há um templo, um santuário, uma mesquita, uma igreja
onde eu me ajoelho.*

*A oração deveria nos levar a um altar
onde não existem
nem muros nem nomes.*

*Acaso não há uma região do amor
onde o altar real sequer é iluminado pelas velas,
onde o êxtase derrama-se em si mesmo
e se perde,
onde as asas estão plenamente vivas,
mas já não possuem nem mente
nem corpo?*

*Em minha alma
há um templo, um santuário, uma mesquita, uma igreja
que se dissolvem...*

*Neste momento
onde eu me ajoelho
todas as construções se dissolvem,
tudo se dissolve*

em Allah...

[poema atribuído a Rabia Basri]

Quando Hasan faleceu, toda Basra se mobilizou em seu funeral. Afinal, tratava-se de um proeminente teólogo. Anos mais tarde, na morte de Rabia, provavelmente a comoção foi bem menor. Apesar de santa, Rabia era uma mulher, e a menos que fosse alguma rainha ou princesa, não havia motivos para realizar um funeral tão luxuoso para uma mulher. Foi o próprio Hasan quem disse, no entanto, que perto dela ele era “um mendigo”, e ela era “a pessoa mais rica que já havia encontrado”.

Os místicos sabem reconhecer a verdadeira riqueza. *Ishq-e Haqeeqi*, como somente ela soube (tentar) descrever:

*Neste amor, não há nada se interpondo
entre um coração e outro.*

*O querer falar nasce da saudade,
a verdade acerca do real sabor da vida.
Aquele que o provou, sabe;
aquele que tenta aplicá-lo, mente...*

*Como você poderia descrever a verdadeira forma de Algo
em cuja presença você se torna um borrão?
E em cujo Ser você ainda existe e perdura?
E que vive como um signo eterno para a sua jornada?*

[poema atribuído a Rabia Basri]

Bibliografia

Wikipedia; feminisminindia.com

Dandara dos Palmares

por Natalia Bemfeito

*“Liderava os palmarinos
Lado a lado com Zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certos
Que aplicava bem ligeiros
Para ferir ou confundir.”^[4]*

Nas fontes tradicionais de conhecimento e nos livros de História, quando muito, Dandara dos Palmares é retratada como “a mulher de Zumbi”. Por ter descumprido o papel esperado de uma mulher preta em uma sociedade capitalista, colonial, escravocrata e patriarcal - mero objeto a serviço de brancos e ricos, escrava, estuprada e obediente, sob pena de açoite ou morte -, nossa heroína foi apagada pela história oficial e continua sendo injustiçada pelo senso comum.

A negação machista e racista faz com que, até mesmo nos dias de hoje, muitos falem de Dandara como se fosse mero acessório, a esposa de um guerreiro, desprezando seu papel ativo naquela luta contínua por liberdade. O “pequeno detalhe” que os desavisados se esquecem de contar é que ela mesma deixou marcas indeléveis na luta abolicionista, porquanto foi uma das maiores líderes do exército palmarino.

A própria autora deste texto, muito embora tenha tido bastante acesso à informação desde jovem, só veio a ouvir falar sobre Dandara na militância feminista, já quase balzaquiana. Os professores de História da zona oeste carioca tinham me dito no então ensino médio que a liberdade da população negra veio “do céu e das mãos de Isabel”^[5], com a abolição da escravidão em 13 de maio de 1888. Já desconfiava que uma princesa portuguesa^[6] não seria tão bondosa com nosso povo explorado, dizimado e colonizado.

Contudo, o mistério em torno da figura de Dandara era tanto que, em outubro de

2020, habituada à pesquisa acadêmica e com acesso à *internet*, tive dificuldades em encontrar dados sobre Dandara dos Palmares. Tamanha foi a escassez e superficialidade das informações que encontrei na *web*, que me vi obrigada a buscar a ajuda de uma amiga que pesquisa sobre racismo no Doutorado, para assim ter um norte e encontrar fontes fidedignas. Ela me indicou um texto de Lélia Gonzalez^[7], que trata das ancestralidades míticas e denuncia a forma como a ideologia do supremacismo branco se perpetua através de uma visão eurocêntrica, racista e do terrorismo cultural imperialista.

A data e o local do nascimento de Dandara são desconhecidos. Não se sabe se ela veio do continente africano ou do Brasil. Isso ocorre porque a grande fonte de relatos sobre as biografias apagadas de escravizados é a tradição oral, menosprezada pelo racismo da academia e desprezada por muitos historiadores de hoje e daquela época. No ponto, vale citar trecho da esclarecedora matéria jornalística que explica os motivos do apagamento histórico de Dandara e Luísa Mahin, publicada por *The Intercept*:

*“[...] Assim como a maior parte dos personagens negros, o nome dessas duas guerreiras é envolto em polêmica. Historiadores desconectados da realidade negra questionam as fontes que comprovam a existência dessas mulheres porque só há relatos esparsos das suas vidas. Ambas acabaram alvos do desinteresse de historiadores da época, e ainda hoje existe uma dificuldade imensa em recuperar suas biografias por **não haver um esforço em catalogar e analisar a tradição oral como fonte historiográfica**. A maior parte da vida de Dandara sobreviveu na forma de lendas, segundo a Fundação Palmares. Não há registros do local onde nasceu, tampouco da sua ascendência africana.”* ^[8]

Estima-se que ela tenha chegado ao Quilombo dos Palmares, situado na então capitania de Pernambuco, atual estado de Alagoas, ainda menina. A Senhora dos Quilombos participou ativamente da construção política daquele espaço de resistência, que desafiou o sistema colonial escravista por quase um século.

Exímia capoeirista, Dandara lutou e empunhou armas ao lado de homens e mulheres. Participava também da elaboração das estratégias de resistência, sem deixar de se dedicar às atividades cotidianas do quilombo, como a caça e a agricultura. “Dandara foi a mais representativa liderança feminina na República de Palmares. Participou de todas as batalhas, de todas as lutas, de tudo que lá foi criado, organizado, vivido e sofrido” ^[9].

Dandara amou Zumbi, e com ele teve três filhos: Harmódio, Aristogíton e

Motumbo, que foram guerreiros, assim como os pais.

O belo conto de Newton Nitro remonta a luta pela liberdade de Dandara e Zumbi no final de suas vidas, destacando que eles não faziam acordos ou concessões: a liberdade era para todos ou para nenhum.

Assim:

“[...] juntos, ele derrotaram holandeses e resistiram aos portugueses. Mas a raiva dos brancos não tinha fim, e ela viu cair, uma a uma, as nove aldeias de Palmares, até sobrar só o Cerco do Macaco.

(...) Ganga Zumba aceitou uma paz doente com os portugueses, uma paz pestilenta e covarde, que os obrigaria a devolver os próximos escravos que se refugiassem em Palmares. Não! Nunca! Ela e Zumbi rejeitaram aquela paz com raiva, com uma raiva que ardia e não cicatrizava, como ferida de ferrão de arraia. Havia realidade naquela raiva, havia sentido naquele fervor, naquele desejo de escrever a própria história nessa passagem rápida pela vida, antes de ir para o Orum. Pois a vida é curta, e a vida do negro é mais curta ainda.” ^[10]

Ganga Zumba foi o primeiro grande chefe do Quilombo de Palmares e tio de Zumbi. Em 1678, Ganga Zumba assinou um tratado de paz com o governo de Pernambuco. O documento estabelecia que as autoridades deveriam libertar palmarinos que haviam sido feitos prisioneiros em um dos confrontos. Previa, ainda, a liberdade dos nascidos em Palmares, além de conceder a permissão para realizar atividades comerciais. Em troca, os habitantes do quilombo dos Palmares deveriam entregar escravos fugitivos que ali buscassem abrigo. Dandara, ao lado de Zumbi, foi contra o pacto, porque se tratava de um acordo que não previa o fim da escravidão. Sem liberdade não poderia haver paz. Assim, pouco depois Ganga Zumba foi morto por um dos palmarinos contrários à sua proposta de “paz”.

*“Pois paz sem voz
Paz sem voz
Não é paz é medo”*^[11].

Dandara se jogou de uma pedreira ao abismo para não se entregar às forças militares que subjogaram o quilombo, onde chegaram a viver 30 mil pessoas distribuídas em aldeias. Não concebia a ideia de ser escravizada e morreu honrando seu sonho de liberdade, em 06 de fevereiro de 1694.

“Será que já raiou a liberdade

*Ou se foi tudo ilusão
Será, oh, será
Que a Lei Áurea tão sonhada
Há tanto tempo assinada
Não foi o fim da escravidão?*

*Sonhei
Sonhei que Zumbi dos Palmares voltou, ôô
A tristeza do negro acabou
Foi uma nova redenção
Senhor, oh, Senhor!*

*Eis a luta do bem contra o mal (contra o mal)
Que tanto sangue derramou
Contra o preconceito racial*

*O negro samba
O negro joga a capoeira
Ele é o rei na verde e rosa da Mangureira.” [\[12\]](#)*

Sabina Spielrein

por Aline Ramos

A mulher que gostaria de lhes apresentar foi de interna a médica e depois psicanalista. Sua obra foi extensa, pois escreveu durante toda sua vida produtiva. Infelizmente seu nome ficou soterrado na história da psicanálise e seu pioneirismo foi apagado, talvez por ter voltado para sua terra natal, a Rússia, ou talvez porque realmente algumas vezes a história não é capaz de fazer justiça a todas as mulheres incríveis.

O texto que você lerá abaixo é um resumo de parte da minha monografia de conclusão do curso de Psicologia da UERJ, em 2018. Espero que eu consiga capturar sua atenção para Sabina, tanto quanto a minha foi capturada conforme pesquisei sobre sua vida e obra.

Sabina Nicolaeivna Spielrein nasceu em 1885, em Rostov-sobre-o-Don, na Rússia. Seus pais eram Nikolai Arkadjenvitch Spielrein, um comerciante abastado, e Eva Marcona Lublinskaia, uma dentista que deixou a profissão para ocupar o papel de esposa e mãe – Eva tinha como fraco gastar mais do que deveria comprando coisas nem sempre necessárias (CROMBERG, 2014). Trata-se de uma abastada e cosmopolita família judia que desejava proporcionar a melhor educação possível aos cinco filhos, dos quais Sabina era a mais velha. O caráter de Nikolai é descrito como colérico, facilmente oscilante, já que com frequência administrava castigos físicos nos filhos. Ambos os pais decidiram criá-los na mais absoluta ignorância sobre a sexualidade humana, e, inclusive, tomaram providências para que não recebessem nenhuma instrução sobre reprodução no ginásio que frequentavam em Rostov (ORELLANA E RUIZ, 2003).

Tal era o comprometimento da família com a educação das crianças que estas tinham acesso, além de uma babá, a uma tutora particular e um professor de música. Eles chegaram a dominar vários idiomas além do russo, como o alemão, polonês, latim e francês. Com onze anos, Sabina foi aprovada para frequentar o Colégio Catarina de Rostov, uma instituição tradicional para meninas, cuja seleção era rigorosa e os professores, muito exigentes. Ainda frequentava aulas

particulares de piano, composição, canto e violino, chegando a registrar queixas de tal carga de afazeres em seu diário. A dedicação era uma obrigação, visto que Nikolai exigia o máximo de seus filhos e queria as melhores notas da classe; ele aplicava castigos drásticos e, quando apresentava episódios depressivos, permanecia na cama por dias sem falar. A filha o temia e amava em proporções semelhantes. Por estar sob pressão, ela tinha episódios de adoecimento recorrente, e o fundo nervoso desse adoecimento não passava despercebido aos pais. Apesar disso, mantinha intacta sua criatividade. Sendo a irmã mais velha, com frequência recebia castigos pelas traquinagens aprontadas pelos irmãos, o que feria seu senso de justiça (CROMBERG, 2014).

Na idade de 13 anos, Sabina perdeu a avó materna e, aos 15, sua irmã mais nova veio a falecer. Emilia foi vítima do tifo. De acordo com Cromberg (2014), Sabina irá mais tarde pontuar nessa grande dor o início de seu adoecimento. Em 1904 forma-se no ginásio, recebendo uma medalha de ouro por ser a melhor aluna. Tinha o desejo de se tornar médica, mas isso na Rússia não era possível, devido a ser mulher e judia. Com 18 anos, não sabia que rumo ou sentido dar à sua vida; a partir daí, seus sintomas clínicos se agravaram profundamente: não se comunicava com os familiares, que ao falarem com ela recebiam coisas sem sentido ou ruídos ininteligíveis como resposta. Além disso, Sabina costumava tapar os olhos com as mãos. O quadro se tornou tão grave que a família decidiu buscar ajuda no exterior.

Foi internada no hospital de Burghölzli, em Zurique, à época dirigido por Eugen Bleuler, o responsável pela criação do termo esquizofrenia, e cujo médico assistente era Carl Jung. Após ser entrevistada por Jung, Sabina foi diagnosticada com histeria grave. Suas queixas eram: forte dor de cabeça, rir e chorar compulsivamente e apresentar muitos tiques. Se contrariada ou desrespeitada de algum modo, reagia de maneira vingativa contra a equipe do hospital.

Desde o início, Sabina recebeu um tratamento diferenciado, sendo poupada do exame físico. Quando começou a melhorar, foi convidada a participar dos experimentos de Jung com associação de palavras, primeiro como paciente e depois como assistente.

C. G. Jung foi o médico indicado por Bleuler para tratar Sabina. Foi com ela que Jung começou a aplicar os conceitos de Freud. Seu quadro melhorou em menos de um ano, deixando claro seus problemas com os abusos físicos recebidos do pai e seus sentimentos ambivalentes sobre ele. Muitas vezes, em sua relação com

a mãe, ela repetia o comportamento do pai, afirmando que desejava morrer, jogando água gelada sobre si mesma, em pleno inverno russo! (MINDER, 2001). Carotenuto (1984) afirma que Sabina era psicótica. Tal afirmação tomou como base a mudança que Jung fez do quadro clínico de Spielrein. Essa mudança foi apresentada em um congresso em 1907, por Jung, já que este apresentou seu caso como sendo de histeria psicótica. No entanto, autores como Cromberg (2014) e Skea (2006) discordam, afirmando que o quadro de Spielrein teve remissão de seus sintomas em menos de um ano, o que não condiz com diagnósticos tão graves.

Sabina foi aprovada nos exames para a Faculdade de Medicina em Zurique, para os quais se preparou quando ainda estava internada. Nesse intento, recebeu apoio incondicional de Bleuler, que escreveu a seguinte recomendação: “Miss Sabina Spielrein de Rostov, residindo neste Asilo e planejando matricular-se para o semestre de verão na Faculdade de Medicina, não é mentalmente doente. Ela foi admitida aqui para tratamento de nervosismo com sintomas histéricos. Nós não temos impedimento em recomendá-la para matrícula. O diretor: Bleuler”

Em 1º de junho de 1905, ela deixou o hospital para morar em uma pensão no centro de Zurique. Enquanto ainda estava cursando a faculdade, Sabina continuou vendo Jung. Embora ela considerasse que seu tratamento estava concluído quando deixou Burghölzli, o médico teve uma opinião diferente. Inclusive, quando este enviou sua segunda carta a Freud, datada de 23 de outubro de 1906, relatou o caso de Spielrein, sem citar o nome dela, como se fosse no presente.

Lothane (1999) divide o relacionamento de Spielrein e Jung em três fases distintas, sendo a fase de 1904 a 1905 o tratamento como paciente; de 1906 até 1908, o aprofundamento de sua amizade; de 1909 a 1910, uma relação erótico-sensual; e, finalmente, em 1911 o desfecho dessa história. A autora afirma também que, mesmo que tenham ocorrido encontros de natureza sexual entre os dois, não teria havido uma violação das fronteiras éticas de tratamento enquanto Sabina se encontrava na condição de paciente.

Em 1911, Spielrein concluiu a faculdade de medicina e defendeu a dissertação *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (dementia praecox)*. Sua dissertação foi um dos primeiros trabalhos a utilizar o termo cunhado por Bleuler – a esquizofrenia –, e ela foi a primeira mulher a apresentar um tema de conteúdo psicanalítico na faculdade de Medicina. Depois de se formar, foi

convidada por Bleuler a trabalhar no Burghölzli como médica assistente. Nesse mesmo ano, Sabina viajou para Munique, após a interrupção de seu relacionamento com Jung, que, casado e pai de três filhos, não pensava em deixar a esposa. Lá, ela finalizou seu trabalho sobre a destruição como causa do devir, e estudou história da arte (CROMBERG, 2014).

Em outubro, viajou para Viena, onde começou a frequentar as reuniões da Sociedade Psicanalítica da cidade. Foi aceita como membro em novembro de 1911, sendo a segunda mulher a ser aceita nessa instituição. Em uma das reuniões, ela apresentou uma versão parcial de seu trabalho, *A destruição como origem do devir*, publicado na íntegra em 1912.

Neste mesmo ano, fez uma breve viagem à sua cidade natal, onde se casou com Pavel Scheftel, médico veterinário e pediatra que havia conhecido Spielrein ao assistir a uma de suas conferências. Depois, eles se mudaram para Berlim. Freud parabenizou-a por sua união e afirmou que esta seria uma “meia cura” de seu apego neurótico por Jung (CAROTENUTO, 1984). Em 1913, Sabina teve uma filha chamada Renata. Entre os anos de 1912 e 1914, Sabina publicou onze trabalhos em revistas de psicanálise.

Em janeiro de 1913, Freud lhe comunicou que sua amizade com Jung havia acabado em definitivo, e também que, em breve, Paul Federn iria publicar uma crítica sobre *A Destruição como causa do devir*, e que tal crítica deveria ser recebida com benevolência por ela. Nessa crítica, Federn ataca seus métodos de trabalho e afirma que sua argumentação lembra muito a dos antigos místicos; no entanto, admite que suas contribuições possam ser interessantes. Segundo Orellana e Ruiz (2003), tais críticas são mais ataques ao pensamento de Jung do que contra a própria Sabina.

Durante a Primeira Guerra, seu marido foi convocado para atuar como médico na Rússia, e Sabina permaneceu na Europa com sua filha. Nesse período, a autora ficou um pouco afastada da psicanálise, e exerceu cirurgia médica para custear seu sustento. Em 1915, mudou-se para Lausanne e viveu lá por cinco anos, durante todo esse tempo sob vigilância da Polícia de Segurança.

Em 1920, participou de um congresso de psicanálise em Haia, na Holanda, e apresentou o texto *A gênese das palavras infantis mamãe e papai*, publicado em 1922. Lá comunicou à administração do congresso que se mudaria para Genebra para trabalhar no Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, na Maison de Petits, a convite

de Eduard Caparède, para dar um curso e ser sua assistente. Em 1920, Sabina publicou seis artigos sobre análise infantil, utilizando observações reunidas durante toda a primeira infância de sua filha. Ela acreditava que os achados sobre a psicologia infantil poderiam contribuir com a psicanálise.

Em 1921, Sabina começou a análise de Jean Piaget, que também trabalhava no Instituto desde o ano anterior e havia sido aceito pela Sociedade Suíça de Psicanálise. Suas sessões ocorriam todas as manhãs às oito horas, menos aos domingos, e durou oito meses. De acordo com Carotenuto (1984), Piaget foi dispensado da análise pela própria Sabina, pois ele seria refratário ao método.

Em 1923, Sabina retornou à Rússia, devido a um ultimato de seu marido Pavel, que a estaria ameaçando com o divórcio caso ela não voltasse (CROMBERG, 2014). Lá ela foi recebida com grande apreciação pelos membros do Partido Comunista, graças ao seu prestígio intelectual. Nesse período, a psicanálise vivia um belo momento na Rússia. Spielrein pôde retornar graças a um convite especial do laboratório para psiconeurologia infantil do Instituto de Neurologia da Universidade de Moscou, o que lhe permitiu solicitar em Genebra um visto de regresso obtido com o apoio de Claparède, confirmando suas realizações científicas. Antes de sua partida, seus diários, cartas pessoais e sua correspondência com Freud e Jung foram entregues a Claparède e guardadas no Instituto de Psicologia de Genebra. Na década de 1970, esses documentos foram examinados por Aldo Carotenuto e deram origem ao livro *Diário de uma secreta simetria*.

Em setembro de 1923, Spielrein trabalhou no Instituto Estatal de Psicanálise e, na época, era reconhecida como a psicanalista com melhor formação da Rússia (CROMBERG, 2014).

Sabina retornou a Rostov, sua cidade natal, após novas pressões de seu esposo, em junho de 1926. Nesse ano, então com 41 anos, deu à luz a segunda filha do casal, que recebeu o nome de sua mãe, Eva. Esse é o mesmo ano da ascensão ao poder de Stalin, quando a psicanálise progressivamente caiu em desgraça, perdendo a proteção estatal. Em 1929, as instituições psicanalíticas sofreram duros golpes, e a Sociedade Psicanalítica foi dissolvida. Nesse ano, Sabina retornou em definitivo para Rostov. Lá, ensinou psicanálise na Universidade de Rostov até que, em 1933, a mesma foi definitivamente banida da Rússia. Spielrein, então, passou a viver de seu trabalho como pedóloga no ambulatório escolar profilático de Rostov. Até que, em 1936, a pedologia e a psicotécnica também foram banidas, consideradas pseudociências burguesas. Assim, Sabina

teve de se manter com um trabalho de meio período, exercendo a função de médica em uma escola.

Seu marido, Pavel, morreu de ataque cardíaco em plena rua, e seus três irmãos foram mortos, entre 1937 e 1938, pelo regime stalinista. Seu pai morreu em 1938, após um período preso em um *gulag* pela NKWD (o Comissariado Popular para Assuntos Internos da União Soviética). Todas as perdas foram duros golpes para Spielrein, que agora estava sozinha com suas filhas.

Em 1941, a Alemanha violou o acordo de não agressão firmado com a Rússia em 1939, e deu início a uma invasão sem aviso prévio a esse território. Assim, Rostov foi invadida pelo exército alemão, em 20 de novembro de 1941, mas retomada pelos russos após uma semana.

Cromberg (2014) aponta o pacto de não agressão como uma das causas que teriam impedido Spielrein de deixar a Rússia antes da tragédia que se abateria sobre ela e as filhas. A propaganda negativa sobre os alemães era proibida e não se sabia, por exemplo, dos campos de concentração. Além disso, seu passaporte foi confiscado pelo governo stalinista em 1930, quando retornou de sua última viagem para fora do país por ocasião do funeral de sua sogra.

Pavel teve uma filha fora do casamento, uma menina de nome Nina Snitkova, com uma médica chamada Olga Snitkova. Sabina procurou Olga para que suas filhas conhecessem a irmã. Ela e Olga acabaram se aproximando; costumavam se reunir para falar de psicanálise e sobre a situação precária em que viviam. Como tinham receio de terminar seus dias em um dos *gulags* do governo, chegaram a firmar um pacto segundo o qual aquela que ficasse viva cuidaria das filhas da outra. Olga e Nina deixaram Rostov antes de sua libertação. Durante a primeira ocupação, Sabina teria dito a Olga não crer que uma nação civilizada como a alemã fosse capaz de atrocidades (CROMBERG, 2014).

A segunda ocupação de Rostov ocorreu em 1942. Agora com a operação Azul, o objetivo não era mais a invasão de Moscou, mas sim os campos de petróleo do Cáucaso. Além disso, em 31 de julho de 1941, um general da SS recebeu a autorização para o início das preparações necessárias para a implementação da “solução final” para a questão dos judeus: o genocídio nos campos de concentração.

A população judia de Rostov vivia por toda cidade. Desse modo, os comandos da SS organizaram estratégias para registrar essa população, o que foi feito por cidadãos judeus. Os primeiros a serem executados foram os doentes

psiquiátricos, levados em caminhões que, mais tarde, veio a se saber serem as câmaras de gás móveis. No dia seguinte aos doentes serem levados, o hospital se tornou alojamento para oficiais. Depois disso, os outros cidadãos judeus foram convocados para serem removidos da cidade graças a “ataques promovidos por cidadãos não judeus”. Estes, então, seriam levados da cidade para viverem em segurança em local não divulgado. As pessoas eram acumuladas em caminhões que viajavam até um despenhadeiro próximo à Ravina da Serpente, e lá eram executadas a tiros e jogadas em covas comuns. Esse método foi utilizado de 11 de agosto até setembro de 1942. Em 12 de agosto foram usados caminhões a gás, depois continuaram com as “limpezas finais” que eliminavam, além de judeus, comunistas, soldados doentes do Exército Vermelho e sujeitos considerados vagabundos pelo regime nazista.

Sabina e suas filhas foram mortas nesse período. Assim terminou a vida dessa mulher intensa, que em um tempo no qual ainda poucas possibilidades eram oferecidas às mulheres, foi médica, psicanalista e musicista, tendo antes disso enfrentado os problemas de uma doença mental que a manteve internada por quase um ano. Infelizmente, para Sabina, não houve devir após a destruição. O único intuito daqueles que a massacraram em meio a tantas outras vidas era a aniquilar pelo prazer de maltratar, exterminar e destruir.

Bibliografia

CAROTENUTO, Aldo. *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CROMBERG, Renata Udler. *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*. Tese para obtenção do grau de doutor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

CROMBERG, Renata Udler. *Sabina Spielrein, uma pioneira de psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

LOTHANE, H, Z. *Tender love and transference: Unpublished letters between C.G. Jung and Sabina Spielrein*. *International Journal of Psychoanalysis* 80:1189–1204.

MINDER, Bernard. *Sabina Spielrein, Jung’s patient at the Burghölzli*. *Journal of Analytical Psychology*, v. 46, p. 43 – 66, 2001.

SKEA, Brian R. *Sabina Spielrein: out from the shadow of Jung and Freud*. *Journal of Analytical Psychology*, v. 51, n. 4, p. 527-552, set. 2006.

SPIELREIN, Sabina. (2012). *Destruição como causa do devir*. In: Cromberg, Renata Udler. *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*. Tese para obtenção do grau de doutor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

VALLEJO ORELLANA, Reyes; SANCHEZ-BARRANCO RUIZ, Antonio. *Sabina Spielrein, la primera mujer que enriqueció la teoría psicoanalítica*. Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq. n. 8. Madrid, 2003.

Mãe Menininha do Gantuá

por Júlia Rena

Este texto tem como referência bibliográfica a obra de Agnes Mariano, *A Mãe da Sabedoria*,^[13] e o vídeo dirigido por Roberto Appel, *A História de Mãe Menininha do Gantois*.^[14]

*Mãe Menininha do Gantuá
filha dos olhos de Oxum,
refletida na beleza dos rios
desaguava seu amor tão grande
nos braços e abraços dos que dela se aproximavam.
Mãe Menininha do Gantuá
filha da fartura e da delicadeza,
protegida pela armadura de Oxum
se fez fortaleza em épocas de opressão
e extinguiu a tristeza
dos que a rodeavam!
Com as festas do terreiro
trazia asê para todo o povo
e encantava com seu coração de ouro.*

Mãe Menininha, filha de Oxum – que no candomblé é considerada a rainha das águas doces, das cachoeiras e dos rios, deusa do ouro, da fartura, da sabedoria, da abundância e da fecundidade –, conduziu o terreiro do Gantuá por mais de 60 anos, chegando a ser o mais cultuado do país. Seu nome correu os quatro cantos do mundo, e pessoas de todos os lugares vinham até a ela para receber bênçãos e fazer pedidos.

Dizem que foi na beira das águas de um rio de Salvador que Maria Escolástica da Conceição Nazareth, conhecida como Mãe Menininha, percebeu que para ser uma pessoa de bom coração precisava apenas deixar-se conduzir pela vida, como as águas de um rio.

Mamãe Menininha nasceu baiana de sangue africano em 10 de fevereiro de

1894, e suas raízes são de Agbeokutá (sudoeste da Nigéria). A sua vida inteira foi uma testemunha de que ela nasceu e cresceu protegida pelos santos, orixás e seres encantados vindos da África. Ela nasceu apenas seis anos após a abolição da escravatura. E recebeu esse apelido de “menininha” pela avó. Menininha era uma criança da periferia de Salvador; suas bonecas recebiam nomes de orixás: Oxóssi, Iansã, Oxum, Nanã etc. Além disso, desde pequena adorava jogar búzios. Ainda criança, já era muito devota aos santos.

Mas a história de Mãe Menininha começou com suas ancestrais, mais precisamente com a bisavó dela, chamada Maria Júlia, que nasceu em Agbeokutá, na Nigéria, e que em 1849 fundou o terreiro do Gantuá na Bahia. Vovó Júlia veio a falecer, e quem assumiu foi a filha dela, Maria Cuquéria da Conceição Nazareth, que foi a primeira a abrir as portas da casa e popularizar o terreiro. Em seguida, por pouco tempo, a mãe biológica de Mãe Menininha assumiu o local. E Mãe Menininha enfim herdou o trono do Gantuá em 1922, aos 28 anos de idade. Ela com certeza foi uma líder espiritual que ajudou muito na aceitação das religiões de matrizes africanas no Brasil.

Como sempre ocorre com as filhas de Oxum, Mamã Menininha irradiava beleza, sabedoria e acolhia a todos que chegavam com seu abraço enorme e abundante de mãe. Muito cedo na vida, ela se entregou aos encantos do candomblé. Cresceu entre o povo africano que veio para o Brasil, aprendendo diversos rituais, antigos costumes, e claro: a língua iorubá. Mãe Menininha teve muita coragem e astúcia para combater a perseguição policial aos cultos afros, a qual permaneceu até meados do século XX. Em 1924, com seus quase 30 anos, Mãe Menininha sofreu muito pré-conceito e perseguições, precisando se afirmar com inteligência. Na época, segundo a lei, as festas do terreiro só poderiam ser realizadas em certos horários e com autorização por escrito; porém, isso nada impedia as invasões violentas da polícia nos terreiros. Foram anos de uma opressão que só terminou quando o governador da Bahia, Roberto Santos, decretou a libertação das casas de candomblé.

Com o passar do tempo, sua religião foi sendo mais aceita, e sua popularidade foi crescendo, despertando muita curiosidade e interesse entre pessoas de todos os cantos, raças e credos. Mãe Menininha passou então a ter um desafio: combater a exploração do que, para ela, era considerado sagrado.

A ialorixá recebia tanto famosos, turistas, políticos, artistas e intelectuais quanto pessoas humildes, às quais sempre oferecia seu café ou comida, fossem eles pobres ou ricos. Mãe Menininha não gostava muito da fama, mas isso não

impediu que recebesse muitas homenagens, principalmente de artistas e amigos que a amavam.

Todos que se aproximavam dela, se encantavam primeiramente com sua simpatia e doçura, e depois com seus tantos colares, batas feitas à mão e saias deslumbrantes. Nas últimas décadas de vida, mesmo debilitada, recebia milhares de pessoas que faziam filas todos os dias ao pé de sua cama, para ouvir seus conselhos sábios.

Ícones da arte brasileira tinham Mãe Menininha como sua grande mãe; Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso e Jorge Amado eram alguns deles, que sempre remeteram à Mãe Menininha com palavras de encanto.

Maria Escolástica da Conceição Nazareth, uma das líderes religiosas mais importantes do Brasil, passou de Àiyé (Terra) para Òrun (céu sagrado dos orixás) em 13 de agosto de 1986, aos 92 anos.

Mãe Menininha inspirava tanto, com o seu amor tão grande, que recebera uma música em sua homenagem, chamada “Oração de Mãe Menininha”, ofertada por Dorival Caymmi:

Oração de Mãe Menininha

*Ai! Minha mãe
Minha mãe Menininha
Ai! Minha mãe
Menininha do Gantuá*

*A estrela mais linda, hein
Tá no Gantuá
E o sol mais brilhante, hein
Tá no Gantuá
A beleza do mundo, hein
Tá no Gantuá
E a mão da doçura, hein
Tá no Gantuá
O consolo da gente, ai
Tá no Gantuá
E a Oxum mais bonita hein
Tá no Gantuá*

*Olorum que mandou essa filha de Oxum
Tomar conta da gente e de tudo cuidar
Olorum quem mandou
Eô Ora iê iê ô*

Nise da Silveira

por Júlia Rena

Caros leitores: antes de nos aprofundarmos um pouco nesta grande personalidade da psiquiatria brasileira, Nise da Silveira, é importante dizer que este texto que lhes apresento agora tem como referências bibliográficas a obra *Nise da Silveira*, de Felipe Araujo,^[15] e o vídeo *Nise da Silveira*, produzido por Fernando Peron e Rafael Alves.^[16]

Mas afinal, quem foi Nise da Silveira? Uma mulher ímpar e rara, conhecida por sua sensibilidade e bravura, que revolucionou a psiquiatria no Brasil e ficou conhecida em todo o mundo. Nascida em Alagoas, filha do professor Faustino Magalhães da Silveira e da pianista Maria Lídia da Silveira, teve uma infância comum. Estudou em escolas tradicionais e cursou medicina na Bahia, sendo a única mulher de sua turma.

Em 1927, Nise decide ir viver no Rio de Janeiro, onde ingressa no serviço de assistência de psicóticos, em um hospital que hoje é conhecido por Pinel. É aí que Nise começa a se inquietar e se rebelar com a forma com que os pacientes eram tratados; porém, não consegue efetuar muitas mudanças, porque em 1936, na regime de exceção de Getúlio Vargas, Nise é presa por conter livros comunistas em sua estante, tornando-se assim suspeita de ligação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Nise permanece na prisão por 18 meses. Após sua liberdade, ela mergulhou nos estudos sobre o filósofo Baruch Spinoza, e escreveu o livro *Cartas a Spinoza*. Em 1944, ela é novamente inserida no serviço público brasileiro, e volta a trabalhar no Hospital Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro. É aí que ela realiza suas grandes transformações no campo da psiquiatria.

Nise não concordava nem um pouco com os tratamentos violentos realizados naquela época, como lobotomia e eletrochoque, entre outros. Por isso, acabaram transferindo-a para trabalhar com terapia ocupacional, função que era muito desvalorizada na época. Mesmo com todo o descaso e desconsideração que recebia de seus colegas médicos, em 1946 ela funda a Sessão Terapêutica Ocupacional, e ao invés de colocar os clientes para trabalhar com faxina e

ocupações como essas, ela inaugura o ateliê de pintura e modelagem, tentando assim um tipo de tratamento que, em vez do uso da violência, utiliza-se da arte e da expressão criativa do inconsciente. A ousada e sensível iniciativa de Nise deu tão certo que, em 1952, foi criado o Museu do Inconsciente no Rio de Janeiro, onde foram e são expostas as obras dos pacientes em tratamento.

Na sessão terapêutica ocupacional, Nise se aproximava dos clientes como nenhum outro médico. Não gostava de chamá-los de “pacientes”, pois dizia que quem deveria ter paciência eram eles (os médicos). Ficou famosa por utilizar os animais como “coterapeutas” dos tratamentos dos clientes, pois ela acreditava muito no laço de afetividade que eles eram capazes de criar com os animais, pois isso revelava um efeito muito terapêutico. Ela até lançou um livro sobre a relação terapêutica com os animais, chamado *Gatos, a emoção de lidar*. No hospital do Engenho de Dentro, ela realizava excursões e piqueniques com os clientes, fazendo uma verdadeira revolução na forma de se tratar a loucura.

Nise da Silveira ainda desenvolveu, em 1956, a Casa das Palmeiras, clínica voltada à reabilitação de antigos pacientes de hospitais psiquiátricos, onde os clientes podem usar a expressão artística em seus tratamentos, além de serem estimulados ao contato social. Nise, para além de tudo, foi também pioneira da psicologia junguiana no Brasil. Teve vários contatos pessoais com Jung, este que ela denominava como seu grande mestre, e escreveu o livro *Jung: vida e obra*.

Nise realmente transformou a psiquiatria brasileira, tratando os usuários de saúde mental com atenção, dignidade, amor e, principalmente, humanidade. Antes de Nise, a psiquiatria era muito desumana: usava-se da violência escancarada para “curar”, e tratava-se os pacientes de forma animalesca. Por isso, Nise da Silveira foi e é tão fundamental para a história da psiquiatria no Brasil; afinal, ela inaugurou uma nova forma de ver a loucura.

O encontro com a psicologia de Jung, enriquecido por sua análise pessoal com Marie Louise Von Franz, com o entrelaçar das ideias de Spinoza, com os pensamentos de Artaud, com a poética de Bachelard e com todas as suas vivências pessoais, fez com que Nise da Silveira deixasse esse importante legado no Brasil, como o Museu do Inconsciente, a Casa das Palmeiras e, por que não dizer, a revolução na psiquiatria. Por isso, falar da doutora Nise da Silveira é também lembrar da potência de sua vida e obra.

“Não se cura além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo

tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas.” Nise da Silveira

Rose Marie Muraro

por Taona Padilha

Ela se definia como uma mulher impossível. Quase cega desde a infância, tornou-se uma prolífera escritora. Quando percebeu que eram os livros que mudavam o mundo, tornou-se editora. Convertida ao catolicismo e dona de uma sexualidade reprimida, começou a fazer psicanálise e a trair o marido, justamente para poder continuar casada. Mãe de vários filhos, cuidou de sustentar a casa. Sustentando o marido, separou-se. Rose disse que, se não fosse a sua paixão pelas coisas impossíveis, não tinha sido quem foi, não teria feito o que fez. Eu não ousaria duvidar dela. Dela, que desafiou continuamente o destino. O destino de uma rica menina cega, herdeira de uma das famílias mais abastadas do Brasil. Menina ousada, que desistiu de mendigar dinheiro para a família e ligou-se a líderes católicos comunistas, para poder ganhar o seu dinheiro com uma causa justa. O destino surpreendente de uma mulher nascida nos anos trinta do século dezenove em um país que ainda hoje resiste em reconhecer o protagonismo feminino.

Se Rose se define como uma mulher impossível, eu digo que impossível mesmo é não se apaixonar por ela.

Lembro de como a conheci...

Tinha saído de uma sessão de cinema no bairro de Botafogo e fui dar uma olhada nos livros de um sebo que ficava no mesmo local. O livro *O martelo das feiticeiras* estava em promoção, e eu já havia escutado sobre ele em uma aula. Comprei. E lá, na introdução, estava ela!!! A sua presença era nítida. Estava ela corporificada em suas palavras. E as suas palavras eram afetos que dançavam pelo meu corpo e pela minha mente, me mostrando que não existia qualquer divisão entre eles. Corpo e mente eram uma unidade. Unidade afetada pelas palavras vivas de uma mulher: Rose Marie Muraro.

Escritora e feminista, ela me ensinou que é impossível pensar a subjetividade fora de um contexto coletivo. É, ainda, impossível falar de sexualidade feminina no Brasil sem falar de escravidão, de pobreza, de exploração, de sistema capitalista. É impossível falar sobre o feminino hoje sem lembrar dos séculos de perseguição às mulheres na Inquisição. A complexidade do pensamento de Rose

tem a qualidade de ser simples. Ela era avessa ao discurso pedante de muitos intelectuais. Ela era democrática. Falava para transmitir, falava para que as pessoas pudessem ser tocadas e transformadas por ela. Pura bruxaria.

Ela dizia que era muito amiga do seu inconsciente e que por ele era dirigida. Dizia que era bruxa e levava poções mágicas dentro de si. Mesmo em cima de uma cadeira de rodas, não perdia o charme. Brincava consigo mesma e com os outros. Carregando uma vassoura, varria as hipocrisias da sociedade. Já muito adoecida, e “com medo de morrer em um mar de dores”, decidiu dizer: “Eu vou enfrentar!”. Uma mulher que fez do impossível palavras que nos levam a acreditar na vida, apesar de tudo.

Se eu pudesse dar uma dica hoje, eu diria: não deixe essa vida sem entrar em contato com o impossível fantástico de Rose Marie Muraro.

Elas e eu



Natalia Bemfeito: "Trabalho em cartório, mas sou escritor". Cocriadora e administradora do *Poetas do Caos*. Integrante do coletivo de escritores *Magicaos*. Nascida poeta. Tornei-me um paradoxo: a servidora pública anarquista. Contar e ouvir histórias é como respirar. Escrevo e leio desde que me entendo por gente.



Taoana Aymone Padilha, psicanalista. Especialista em Psicologia Clínica pela PUC - Rio, mestra em Psicanálise pela UERJ e doutoranda em Psicologia Social

pela PUC - SP. Apaixonada pelas artes, tem experiências com a música, o teatro e a performance. Atualmente atende em consultório e online, e realiza uma série de atividades na interlocução entre a psicanálise e diferentes áreas do saber. Instagram: @taoanalise



Júlia Diniz Rena, psicóloga, pesquisadora de si, poeta e membro da *Rede Ágora dos Habitantes da Terra*.



Aline Ramos é psicóloga, poeta do coletivo *Poetas do Caos* e cuida do projeto @floresce.mente no Instagram.



Meu nome é **Rafael** (Raph) **Arrais**, sou poeta e tradutor, além de autor do blog *Textos para Reflexão* e youtuber tardio.

[1] Na Grécia antiga, o museu era um templo das musas, divindades que presidiam a poesia, a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e a astronomia. Esses templos, bem como os de outras divindades, recebiam muitas oferendas em objetos preciosos ou exóticos, que podiam ser exibidos ao público mediante o pagamento de uma pequena taxa. Dos museus da Antiguidade, o mais famoso foi o criado em Alexandria por Ptolomeu Sóter em torno do século III a.C., e que continha estátuas de filósofos, objetos astronômicos e um jardim botânico, embora a instituição fosse primariamente uma academia de filosofia, e mais tarde incorporasse uma enorme coleção de obras escritas, dando origem à célebre Biblioteca de Alexandria.

[2] E mesmo essas são, em teoria, somente edições de célebres matemáticos e astrônomos da época. Devido à dificuldade em se atribuir autoria feminina a quaisquer obras da época, fica impossível confirmar o quanto dessas “edições” não se tratavam, na realidade, de “adições”.

[3] Segundo a enciclopédia bizantina *Suda*, ela foi esposa de “Isidoro, o Filósofo” (aparentemente Isidoro de Alexandria); porém, Isidoro só nasceu muito depois da morte de Hipátia, e não se conhece nenhum outro filósofo com este nome que seja seu contemporâneo. A *Suda* também afirmou que “ela permaneceu virgem” e que rejeitou o candidato ao mostrar lençóis manchados de sangue afirmando que eles demonstravam que não havia “nada de belo” no desejo carnal – um exemplo de fonte cristã fazendo uso de Hipátia como símbolo de virtude.

[4] Trecho da história de Dandara dos Palmares, contada em cordel no livro *Heroínas Negras Brasileiras*.

[5] Referência à letra do samba enredo de 2019 da Estação Primeira de Mangueira: *História para ninar gente grande*, com o qual a escola conquistou o

seu 20º título de campeã. Sim, o coração da escritora é verde e rosa!

[6] “É desrespeitoso com a luta histórica dos movimentos negros e incompatível com os princípios constitucionais de igualdade e não discriminação a celebração da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel no dia 13 de maio. Tal medida aboliu oficialmente a escravidão no Brasil, quando grande parte da população negra não se mantinha mais nos cativeiros, por força da luta e resistência dos movimentos negros nos quilombos, nas irmandades, nas rebeliões como a Revolta dos Malês, bem como em razão das pressões internacionais, tendo sido o Brasil o último país da América a fazê-lo. A Princesa Isabel, assim, somente cumpriu o papel de formalizar a libertação já insustentável no cenário nacional e internacional à época”. SANTOS, Elisiane; REIS BRITO, Ludmila Lopes. Não veio do céu nem das mãos de Isabel a liberdade. Portal Geledés. Disponível em: <https://bit.ly/3nYnEgF>. Acesso em: 18 out 2020.

[7] GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: 2018. p. 335.

[8] SANTOS, Ale. *O racismo da academia apagou a história de Dandara e Luiza Mahin*. Disponível em: <https://bit.ly/3kdB6e9>. Acesso em 18 out 2020.

[9] Afirmação da antropóloga Maria de Lourdes Siqueira, professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em entrevista ao Jornal O Globo. *Descrita como heroína, Dandara, mulher de Zumbi, tem biografia cercada de incertezas*. Disponível em: <https://glo.bo/37jFHRN>. Acesso em: 18 out 2020.

[10] NITRO, Newton. *Dandara, a rainha guerreira de Palmares*. Disponível em: <https://bit.ly/3j503qQ>. Acesso em 18 out 2020.

[11] Trecho da música *A minha alma* (A paz que eu não quero), do Rappa.

[12] Letra do samba enredo da Estação Primeira de Mangueira em 1988: *Cem Anos de Liberdade, Realidade ou Ilusão?* Sim, o coração da autora é todo pintadinho de verde e rosa. S2

[13] MARIANO, Agnes. A mãe da sabedoria. **Histórias do povo negro [blog]**. Disponível em: <<https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/a-mae-da-sabedoria/>> . Acesso em: 29 nov. 2020.

[14] HISTÓRIA DE MÃE MENININHA DO GANTOIS. Roberto Appel.

Youtube. 23 de nov. de 2018.10min35s. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=4XMJmdb2Pvk> >. Acesso em: 21 out. de 2020.

[15] ARAUJO, Felipe. Nise da Silveira. **InfoEscola**. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/biografias/nise-da-silveira/>. Acesso em: 29 nov.

2020.

[16] NISE DA SILVEIRA, Fernando Peron & Rafael Alves. **Youtube**. 29 abril 2018.10min25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=spNauTotylo&t=497s>>. Acesso em: 18 out. de 2020.